

# SUPLEMENTO

PATRIMÓNIO

## Ermida de São Cristóvão (Sousela, Lousada) novos dados para a sua fundação e cronologia

Texto | Cristiano Cardoso

Sobre a ermida de São Cristóvão escrevíamos em 2008: *Podemos datar esta capela do início de Setecentos, porém o seu portal principal sugere uma edificação anterior, sucessivamente reformada.* Entretanto, a identificação de novos documentos permitiu concretizar alguns momentos cruciais da sua cronologia e esclarecer o contexto da fundação.



## INTRODUÇÃO

O estudo do património, designadamente do património imóvel e, dentro deste, daquele que se denomina por património edificado, envolve um conjunto de tarefas específicas desta área, que passam, sem querer ser exaustivo, por um exame direcionado às fontes manuscritas disponíveis, a análise e interpretação das fontes impressas e da bibliografia produzida, a análise formal do edifício e do património integrado (retábulos, esculturas, mobiliário). No fundo, é este trabalho, e não necessariamente por esta ordem, que nos vai permitir conhecer o património que observamos.

A este conjunto de métodos podemos acrescentar outros que se afirmam conforme a particularidade do elemento patrimonial.

Nessa perspetiva é relevante o estudo dos oragos e da liturgia para o património religioso, ou a iconografia para a arquitetura e a escultura.

O texto que agora se apresenta é dedicado a dois templos situados na freguesia de Sousela, que têm suscitado algumas dúvidas e também imprecisões, que, repetidas ao longo de anos, quase se transformaram em verdades absolutas.

Falamos da ermida de São Cristóvão, monumento inserido num contexto que propicia à manifestação do divino e à contemplação do sagrado, mas que vem acometendo de interrogações estudiosos e visitantes. O outro monumento de que falaremos neste texto é do pequeno templo erguido no mesmo local e que popularmente é conhecido como capela de Santa Águeda.



Figura 1. Conjunto formado pelos dois monumentos

## CAPELA DE SÃO CRISTÓVÃO DOS MILAGRES FUNDAÇÃO E ORIGEM DO CULTO

Já muito se disse, e diz, e menos se escreveu e esclareceu acerca desta ermida e do conjunto que a mesma forma com um outro pequeno templo que lhe fica próximo. As fontes escritas e impressas, apesar acessíveis e, em certos casos, até muito divulgadas, tendem a ser descuradas. E é compreensível, até certo ponto, este absorto descuido, do qual nós próprios participamos, rendidos à firme e respeitável memória oral da comunidade.

A ermida de São Cristóvão foi construída no ano de 1650 e nada indicia que aí existisse um templo anterior, dedicado ao mesmo orago ou a outro qualquer. Mandou-a construir, aparentemente por sua iniciativa e não do povo, o licenciado padre Matias de Araújo Teixeira, então abade de Sousela, *feita de esquadria de pedra por fora e por dentro* (*Obrigação à ermida de São Christóvão*, 1650).

Que razões estariam na base desta edificação religiosa naquele local? Tratou-se unicamente de uma devoção particular do pároco? Cremos que não.

Anos antes, em 1642, rebentara uma fonte de água no local, acontecimento que *se deu a ver a huma mulher [...] em hum sitio pouco húmido, e sem obra de mãos, ou arte*. Este fenómeno parece ter alcançado desde logo contornos de manifestação divina, reconhecendo-se à fonte, cujo caudal alimentava três bicas, e às suas águas propriedades miraculosas e curativas, ao ponto de, algumas dezenas de anos depois, se referir que *muitas mortallas, e muletas, que na Ermida se vêm, são público testemunho dos grandes milagres a que Deos por ella obra* (Costa, 1706:380). Compreende-se daqui o epíteto “dos Milagres” que se atribui nesta ermida ao orago São Cristóvão.

De forma muito astuciosa, assente numa rigorosa formação canónica, e completamente filiado no espírito da Contra-Reforma, o abade Matias de Araújo Teixeira cuidou de enquadrar a veneração popular, resultante da afamada fonte, dentro da doutrina cristã, impedindo a proliferação de sentimentos profanos e garantindo proveitosos dividendos para a paróquia.

Para a prática do culto religioso na nova ermida, com respetiva celebração da Eucaristia, tornava-se necessário dotar a sua fá-

brica com património que lhe garantisse um rendimento anual sustentável. Com esse intuito, o pároco doou à fábrica da ermida cinco medidas de pão (ou cinco tostões por elas) pagas anualmente pelo São Miguel (setembro). Esta obrigação era garantida pela hipoteca ou vínculo de algumas propriedades: o Campo da Boavista, que rendia 12 rasas de milho e 20 almudes de vinho; cinco casas em redor do campo; um souto no monte de Soutelo e as devesas da Pedra Revolta, onde tinha cerca de 200 árvores (*Obrigação à ermida...*, 1650).



**Figura 2.** Fonte

Asseguradas estas diligências, necessárias à edificação de uma capela ou ermida, a administração eclesiástica deu comissão ao abade vizinho de Raimonda para examinar o edifício, os seus ornamentos e alfaias e benzê-la.

Feita esta análise somos levados a refletir sobre a escolha da invocação. É tema vasto e propenso a especialistas, contudo não deixa de ser curioso observar que a ermida seja dedicada a São Cristóvão, precisamente numa época em que o culto a este santo fabuloso entra em declínio, muito por força do vigor contrarreformista. É indiscutível a associação de São Cristóvão à água, mas outros santos haveria para enquadrar esta ligação, desde logo, e encabeçando o mesmo espírito reformador pós-tridentino, Nossa Senhora, que, na profusão dos seus títulos, consagraria qualquer arremedo de profanidade.

Se esta questão da associação à água nos sugere interrogações, a ligação de São Cristóvão aos viajantes e peregrinos, surge-nos anacrónica, ou seja, fora do contexto cronológico em que fora válida. Com efeito, na Idade Média, São Cristóvão dividiu com outros santos (São Roque, São Sebastião, São Tiago) a proteção daqueles que viajavam e se deslocavam aos lugares santos e que, por falta de pontes, tantas vezes se arriscavam no atravessamento de rios a vau. Embora seja plausível a passagem de uma importante via junto à ermida (Sousa, 2012:2), colocamos reservas à ligação entre essa circunstância e o perfil protetor do santo, por estar ultrapassado na época da construção do templo.

### PRIMEIRA CAMPANHA DE REFORMA

A conservação de edifícios carecia de cuidados constantes. As estruturas construídas com materiais mais perecíveis, como os madeiramentos dos telhados e os forros, eram alvo de reformas frequentes, como é possível observar através da leitura de um qualquer livro de registo de capítulos de visita episcopal. A dotação da fábrica da ermida ou capela, ainda que fosse razoável no momento da fundação, não acompanhava, na maioria das vezes, a evolução económica e a flutuação dos valores dos bens doados. As pequenas edificações também não escapavam à alienação e apropriação abusiva dos seus bens, perdendo as rendas que supriam os gastos com a conservação e a manutenção do culto.

A ermida de São Cristóvão parece ter passado por uma fase que corresponderá ao que vimos dizendo. A desordem ou menor organização da sua fábrica terá resultado num período de algum descuido que, em 1731, se concretizava no mau estado do forro e do telhado. Simultaneamente verifica-se que o corpo do edifício de tornara pequeno e mal adaptado à liturgia, equacionando-se, então, a construção de uma capela-mor.

Esta iniciativa de reforma é levada ao ordinário pelo padre Pedro Fernandes Rodrigues, pároco encomendado de Sousela, juntamente com alguns devotos, que pretendem à sua custa, renovar os madeiramentos, acrescentar uma capela-mor com dezasseis palmos de comprimento e elevar quatro palmos o corpo existente, isto por a considerarem *piquena a respeito do povo que a*

*ella concorre em alguns dias (Registo de provisão e mais requerimentos..., 1731).*

Estamos convictos que este plano de remodelação foi cumprido na sua essência, embora a análise dos alçados não nos denuncie com evidência este momento construtivo.

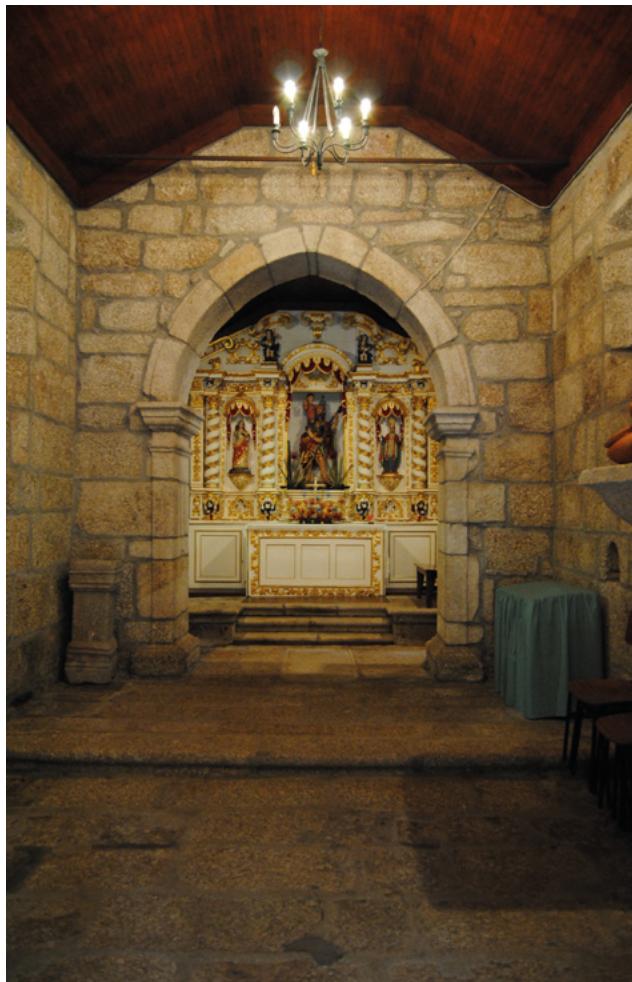


Figura 3. O interior da ermida de São Cristóvão

## O SEGUNDO TEMPLO (SANTO CRISTO) E A QUESTÃO DA SANTA ÁGUEDA

É bem conhecida a existência de um segundo templo junto a esta ermida de São Cristóvão. Não tem a configuração de uma capela, nem de um oratório, mais se assemelhando a um nicho para acolher uma imagem. O templo apresenta um grande vão em arco redondo, que não foi concebido para ser fechado, mas sim para exibir a imagem que aí se recolhia sob o seu teto abobadado em caixotões de cantaria.

Este segundo templo já existia em 1731, mas a sua origem seria umas décadas anterior, pois é dito que havia quinze ou vinte anos que não estava a uso devido a suspensão determinada por falta de fábrica. Por isso, podemos admitir que esta construção já existisse por volta de 1710 ou 1715. Será esta a célebre capela de Santa Águeda que, segundo a lenda, foi arrastada por uma enxurrada desde o alto do monte, só se detendo nuns penedos junto à milagrosa fonte?

Deixemos que seja o pároco memorialista de Sousela, Sebastião Pinto de Macedo, a esclarecer-nos. No ano de 1758, o pároco foi chamado a responder a um inquérito no qual, entre outras questões, tinha que identificar as capelas ou ermidas existentes na sua paróquia, afirmando que existia *a cappella de Sam Christovam dos Milagres e Santa Agueda, na mesma cappella, onde se*



**Figura 4.** Templo popularmente dedicado a Santa Águeda

*diz missa. E outra mista no mesmo sitio com a imagem de Sancto Christo, na qual se nam diz missa, de baixo da qual sahe hua grande fonte, que lanssa por três biquas* (Capela, Matos e Borrallheiro, 2009:328 e 329).

Ora, em 1758, o pároco não tem dúvidas e esclarece que a ermida de São Cristóvão passara a ter dois oragos, partilhando agora o mesmo templo com Santa Águeda. A outra capela, ou nicho, recolhia o Santo Cristo, que seria uma imagem de Cristo Crucificado, ficando esta mista (isto é, mística ou junta) com a outra ermida.

Resumindo, a ermida de São Cristóvão, durante a primeira metade do século XVIII, passou a albergar também a devoção à Santa Águeda, ocupando a sua imagem o lugar do orago no retábulo atual. O culto a Santa Águeda na região é antigo, permanecendo fixado inclusivamente na orotoponímia local, ao denominar um elevado monte. A lenda a que aludimos acima pode conter mais sinais de verdade do que à primeira vista se suponha. Derrubada por uma enxurrada ou chuvada abundante, a antiga capela terá sido abandonada e a sua imagem ou culto transitou para a próxima ermida de São Cristóvão (situação algo semelhante à ocorrida em Aveleda com o Santo Ovídeo).

O outro pequeno templo, construído sobre a fonte, existia pelo menos desde os primeiros anos do século XVIII, era dedicada ao Santo Cristo, à imagem de Cristo Crucificado ou, muito apropriadamente, ao Bom Jesus.

### Fontes e Bibliografia

Arquivo Distrital de Braga. Registo Geral.

*Obrigaçãõ à ermida de São Christóvão...*, Lv. 23.

*Registo de Provisãõ e mais requerimentos a favor do padre Pedro Fernandes Rodrigues...*, Lv. 88.

CAPELA, J., MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. – *As freguesias do distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758. Memórias, história e património*. Braga: ed. autor, 2009.

COSTA, A. C. da (Pe.) (1706) – *Corografia Portuguesa*. Lisboa: Deslandes. Vol. 1.

SOUSA, L. (2012) – “Eixo viário romano Oculis -Tongobriga: sua presença no concelho de Lousada”, in *Revista Municipal* (Suplemento de Arqueologia), ano 13, nº 94.

Lousada: Câmara Municipal.